john cage spaceship

thiago rodrigues

John Cage (1912-1992) foi muitos em um. Compositor, poeta, artista plástico, teórico musical, *performer*, micólogo, anarquista.

Na música, esgarçou os limites das vanguardas artísticas, dissolvendo as fronteiras entre o som e o silêncio, confrontando a 'bela arte' pela arte de viver. Experimentou com equipamentos eletrônicos e computadores quando esses ainda eram novidades precárias e compôs associado ao oráculo do I-Ching, introduzindo o aleatório na escrita musical. Inventou o "piano preparado", dispondo com precisão objetos (como parafusos e pregos) sobre as cordas do piano a fim de emitir sons inusitados e insuspeitos.

Como poeta, praticou formas sem perder de vista as poéticas ocidentais e orientais. Entre as formas que exercitou, estavam os *mesósticos*, poemas nos quais uma linha vertical forma uma frase ou nome e cada letra dessa coluna entra na composição de um verso horizontal. Foi com *mesósticos* que Cage produziu o livro *Anarchy*, publicado em 1988, tomando excertos de textos de, entre outros, Bakunin. Thoreau e Kropotkin que formam colunas e linhas horizontais com fragmentos de seus escritos organizados pela

Thiago Rodrigues é pesquisador no Nu-Sol. Doutor em Ciências Sociais (Relações Internacionais) pela PUC-SP e professor no departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense (UFF). lógica do acaso que articula enunciados não lineares marcados por princípios libertários.

Cage apresentava-se aberta e francamente como anarquista e fazia da sua arte uma prática libertária, ainda que muitos manuais de história da música e catálogos de exposições não mencionem seu libertarismo.

Antes que a ecologia fosse apropriada como estilo de vida contestador dos valores liberais e capitalistas, nos anos 1960, Cage retomou os escritos de estadunidenses dissonantes como Henry David Thoreau (1817-1862) e Buckminster Fuller (1895-1983).

Na passagem em que Cage cita temas caros a esses autores, menciona explicitamente Fuller, arquiteto e inventor que se dedicou a pensar formas de desenvolver a tecnologia de modo não a reforçar o capitalismo, mas a prover o que as pessoas precisam para viver (que seria muito mais do que a mera sobrevivência física e muito menos do que nos impõe o consumismo capitalista).

O tema da "pobreza" citado por Cage nos versos finais não se relaciona com "penúria" ou "miséria" – efeitos próprios ao regime da propriedade privada e estatal – mas à possibilidade de viver frugalmente, sem visar o acúmulo de bens e em equilíbrio com o meio.

O mapa geodésico de Fuller, mencionado por Cage estaria de acordo com a visão de um mundo sem Estados e divisões políticas, pela qual se registra uma nova perspectiva para ver(-se) no planeta liberado da geopolítica expressa nos mapas-múndi que, hierarquicamente, situa os países *poderosos* no norte, em cima, enquanto os *fracos* ficam abaixo, submissos. Tampouco seria a Projeção

Azimutal, símbolo da ONU, que procura descentrar a representação dos continentes, e a recoloca a partir de uma centralidade cosmopolita que preserva cada continente como uma massa territorial em separado, mantida unida por um ponto em comum no norte magnético da Terra. A projeção Fuller, ao contrário, faz dos continentes uma ilha única, que para Cage lembrava a havaiana Oahu, na qual toda a humanidade viveria.

O princípio de partilha de uma única Terra – que fez Fuller inventar o termo "Espaçonave Terra" (*Spaceship Earth*) – interessava ao libertarismo de Cage. Em *Anarchy*, Cage afirma que Fuller foi uma das pessoas que mais o teriam influenciado: "eu tinha como ele a confiança no seu plano de fazer a vida das pessoas na Terra um sucesso para todos. Seu plano consiste em equacionar as necessidades humanas e os recursos planetários".

O interesse pelo potencial liberador da tecnologia também foi trabalhado pelo linguista canadense Marshall MacLuhan (1911-1980) que via nos enlaces permitidos pelos computadores e novas mídias – emergentes a partir da Segunda Grande Guerra – a facilitação para que novas e horizontalizadas relações pudessem ser inventadas para além das fronteiras nacionais e dos vínculos identitários estabelecidos nos Estados-nação, conformando uma *Aldeia Global*^a.

Artigo de Pietro Ferrua, intitulado "O 'testamento anarquista' de John Cage", publicado em **verve** 5, apresenta a perspectiva libertária do compositor, destacando seu interesse em Fuller e McLuhan³.

As passagens selecionadas compõem o prefácio escrito por Cage para *Anarchy*. Trata-se de um trecho em prosa

que circula hoje, na internet, destacado do restante do texto na forma de um poema. Logo, não é um dos *mesósticos* do livro. A tradução redimensiona os versos, sem alterar sua ordem de apresentação no texto em prosa ou na versão graficamente mais difundida que se encontra na internet.

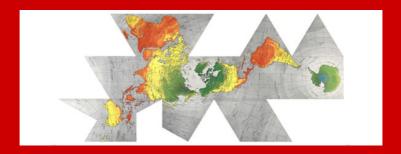
Esse excerto de Cage, reapresentado anonimamente em versos e aqui repensado uma vez mais, destaca um dos aspectos do seu anarquismo: a tecnologia como facilitadora de uma nova economia libertária e a noção de que outra relação com os recursos naturais e o rompimento com o capitalismo não implicariam num *primitivismo*, na suposta volta a um passado idílico ou na recusa dos avanços técnicos.

No artigo mencionado acima, Pietro Ferrua relatou a passagem de Cage pelo Rio de Janeiro, em 1968, quando foi convidado a palestrar a anarquistas brasileiros. Para ludibriar a vigilância dos agentes da ditadura civil-militar, os anarquistas cariocas elaboraram um plano para buscar Cage no hotel que implicava numa chamada telefônica que alertaria o compositor sobre a chegada dos companheiros. A ligação, no entanto, nunca foi feita e Cage esperou por horas até que finalmente viessem buscá-lo. Na palestra, Cage – ainda segundo o relato de Ferrua – começou a falar sobre sua paixão pela micologia – o estudo dos cogumelos – afirmando gostar de ser apresentado publicamente como *micólogo*. Os presentes ficaram perplexos, até que um deles se levantou e o interpelou dizendo que "era a receita para uma Revolução que esperavam dele, não uma para cozinhar cogumelos". Cage não se abalou e respondeu: "como vocês querem fazer uma revolução se os telefones não funcionam?"5

John Cage Spaceship

Notas

- ¹ John Cage. Anarchy. Middletown, Wesleyan University Press, 1988, p. v.
- ² Marshall McLuhan e Quentin Fiore. *O meios são as Massa-gens* Tradução Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro, Record, 1972.
- ³ Pietro Ferrua. "O 'testamento anarquista' de John Cage". *Verve* 5, 2004, pp. 219-227.
- ⁴ Pietro Ferrua. "John Cage, anarquista *fichado* no Brasil". Tradução de Carolina Besse e Thiago Rodrigues. *Verve* 4, 2003, p. 22.
- ⁵ Idem



Mapa Geodésico de Fuller, 1954.

We don't need government We need utilities.

Nós não precisamos de governo Nós precisamos de facilidades

Air, water, energy
Travel and communication means
Food and shelter.

Ar, água, energia Meios de comunicação e transporte Comida e abrigo

We have no need for imaginary mountain ranges Between separate nations.

Nós não precisamos de cordilheiras imaginárias Entre nações separadas.

We can make tunnels through the real ones.

Podemos fazer túneis através das reais.

Nor do we have any need for the continuing division of people

Into those who have what they need

And those who don't.

Nem precisamos da permanente divisão das pessoas Entre os que têm o que precisam E os que não têm. Both Fuller and Marshal McLuhan Knew, furthermore That work is now obsolete. We have invented machines to do it for us.

Tanto Fuller quanto Marshal McLuhan Sabiam, ademais Que o trabalho está obsoleto. Nós inventamos máquinas para fazê-lo por nós.

Now that we have no need to do anything What shall we do?

Agora que não precisamos fazer nada O que devemos fazer?

Looking at Fuller's geodesic world map We see that the Earth is a single island, Oahu. We must give all the people all they need to live In any way they wish.

Olhando o mapa-múndi geodésico de Fuller Vemos que a Terra é uma única ilha, Oahu. Temos que dar às pessoas o que elas precisam para viver Do modo como queiram. Our present laws protect the rich from the poor.

Nossas leis atuais protegem os ricos dos pobres.

If there are to be laws, we need ones that Begin with the acceptance of poverty as a way of life.

Se é para haver leis, precisamos das que Partam da aceitação da pobreza como um meio de vida.

We must make the world safe for poverty, Without dependence on government.

Há que se fazer um mundo em que se possa ser pobre Sem depender de governo.

Tradução de Thiago Rodrigues